

ISABEL STILWELL LEONOR TELES

A RAINHA QUE
DESAFIOU UM
REINO



ISABEL STILWELL
LEONOR
TELES

GUIÃO DE LEITURA

NOTA DO AUTOR

Bom Dia, ou Boa Noite,
se forem noctívagos, como eu.

Estava aqui a pensar que os meus livros favoritos acabam sempre por ser aqueles que me foram recomendados por uma irmã, um amigo, alguém que sei que tem gostos de leitura parecidos com os meus. Parto imediatamente para a leitura com outro entusiasmo, e à medida que «tropeço» num parágrafo que adoro, numa cena que me empolga ou me comove, o meu primeiro pensamento é «Tenho de lhe perguntar se também gostou». Na era dos telemóveis, e sim, reconheço, do prazer da reação imediata, provavelmente nem espero, e mando logo uma mensagem, e começamos uma conversa em redor do livro.

Pois é, os livros são para serem partilhados, passados de mão em mão, e nem imaginam como fico contente quando – e felizmente acontece muitas vezes! – um dos meus leitores me diz que começou a ler os romances históricos porque «já toda a gente lá em casa lhos tinha recomendado».

Depois há um degrau acima, os Clubes de Leitura, que para minha alegria se multiplicam. Todos os meses, o mesmo grupo reúne-se em torno de um livro que já leram e falam acerca dele, trocam impressões, e serve muitas vezes de ponto de partida para conversas profundas que, à partida, ninguém tinha imaginado possíveis.

Mas como o mais difícil é sempre abrir o debate, aqui ficam algumas questões que, espero, possam «incendiar» a discussão.

1. Desta vez optámos por uma capa em movimento, porque Leonor Teles era uma mulher de ação. Gostou da mudança?
2. Nos meus livros incluo sempre as árvores genealógicas – costuma estudá-las antes de começar a ler, ou consulta-as à medida que vai lendo?

3. No final do livro o *Dramatis Personae*, a história dos personagens, representa o meu pacto com o leitor. A sua função é não só responder ao «Quem é Quem», mas contextualizar as figuras principais, contar um bocadinho mais da sua história, mas principalmente dar a conhecer ao leitor onde começa a ficção. Costuma lê-lo? Antes ou depois?
4. Que imagem tinha de Leonor Teles quando começou o livro, e com que imagem desta rainha ficou no final?
5. O grande «biógrafo» de Leonor Teles foi o cronista Fernão Lopes, que nunca conheceu a rainha, nem viveu no seu tempo, mas mescla magistralmente factos reais com a missão clara de a denegrir para justificar a legitimidade da dinastia de Avis – tinha consciência disso?
6. Fernão Lopes baseia as suas deduções na conceção do seu tempo acerca de como eram as mulheres, mas curiosamente também na sua ideia de como eram os homens – elas seduzem-nos, como bruxas e feiticeiras, que são, capazes de usar as lágrimas para obter facilmente o que querem, mas eles quando se apaixonam perdem o juízo e deixam de ser capazes de tomar decisões racionais... Mudámos muito, pouco ou nada nesta visão de homens e mulheres?
7. A «minha» Leonor Teles – porque à distância de tantos séculos, as personagens refletem necessariamente o meu olhar – é uma figura complexa, com que às vezes sentimos muita empatia, noutras odiamos. Quais foram os momentos em que melhor a compreendeu, e aquele em que mais a abominou?
8. D. Fernando é retratado por Fernão Lopes como um homem dominado pela mulher, e por isso, um fraco, mas historiadores contemporâneos ajudaram a entender a razão de ser de muitas das suas escolhas, nomeadamente a do casamento com Leonor Teles. Nem os do passado, nem os do presente, desmentiram o amor que os uniu. E o leitor com que impressão dele ficou?

9. A infanta D. Beatriz foi um peão nestes jogos políticos, mas parece ter possuído uma maturidade invulgar. As crianças cresciam mais depressa do que hoje?
10. Crescemos a ouvir definir o conde de Andeiro como o mau da fita. Sabia que tinha sido ele a assinar o Tratado de Tagilde e o Tratado de Londres, de que acabámos de celebrar os 650 anos?
11. Não podemos deixar de falar dos sete anéis, que pertenciam a Afonso IV e já estiveram no meu livro sobre Inês de Castro, e que sabemos pelo testamento de D. Beatriz passaram por herança a D. Fernando. Como é que os imagina?
12. O medo do diabo era omnipresente na Idade Média. Como é que o sente presente/representado no século XXI?
13. Aisha é uma das minhas personagens favoritas – tantos séculos depois voltámos a dar atenção às plantas, às infusões, elixires e óleos, e a desejar conhecer melhor a Natureza. Quais são as suas favoritas?
14. Nota-se que tenho uma paixão por árvores? E pelas criaturas das florestas? Pelos vistos sou uma «sucessora» de D. Fernando nessa matéria, porque marcam presença na sua arca tumular (guardada no museu do convento do Carmo e vale bem uma visita!). Lembra-se da árvore favorita da tia de Leonor, a condessa Guiomar?
15. Se tivesse de definir esta rainha e este livro numa frase, que frase seria?

Espero que, por agora, a vossa conversa já esteja ao rubro! Não se esqueçam de que podem sempre dar-me o vosso feedback nas páginas nas redes sociais ou para falecomisabelstilwell@gmail.com.

ISABEL STILWELL